



DOSSIÊ SUBJETIVIDADE E VERDADE APRESENTAÇÃO¹

O intelectual destruidor de evidências e em constante deslocamento que Foucault sempre desejara ser, de tão ligado ao presente, parece não se lembrar exatamente o que pensava ontem nem saber com certeza o que pensará amanhã. No momento em que, para além da sua morte, volto a seu pensamento, num testemunho de que ele continua vivo, nunca é demais lembrar que ele já nos havia prevenido contra a tentação da totalidade ou da identidade no estudo de seus escritos, quando afirmou: “Não me perguntem quem eu sou e não me digam para continuar o mesmo: esta é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever”. (Roberto Machado)

Ministrado de janeiro a abril de 1981, no Collège de France, o curso *Subjetividade e verdade* completa em 2021 40 anos. Neste curso, Foucault analisa escritos da Grécia clássica, helenística e romana a partir dos quais as técnicas de si da Antiguidade são contextualizadas, sobretudo, pelo tema dos *aphrodisia*, do casamento e da sexualidade. O que distingue este curso, que vem coroar o interesse de Foucault nos anos de 1980 sobre a Antiguidade grega e romana, é a maneira pela qual o filósofo problematiza a relação "subjetividade e verdade", que assume, como afirma Frédéric Gros, em *Situação do Curso*, a forma de uma "genealogia da subjetividade ocidental".

Nesse curso vemos Foucault se referir a um sujeito que não é constituído, permeado e sujeitoado por práticas de poder externas, mas um indivíduo que se constitui no interior de uma percepção ética sobre si mesmo, sobre seu corpo e sobre sua relação com o outro. Logo no início, Foucault apresenta o problema da sexualidade nos seguintes termos: “Qual experiência podemos fazer de nós mesmos, que tipo de subjetividade está ligado ao fato de termos sempre a possibilidade e o direito de dizer: ‘Sim, é verdade, eu desejo?’”. A genealogia do "sujeito de desejo" é então analisada por Foucault neste curso a partir de uma nova problematização em torno da sexualidade, do desejo e do casal na arte de viver do Império Romano. Como destaca Lorenzini no artigo publicado neste Dossiê, neste curso vemos de que maneira esta problematização não foi inaugurada, mas herdada pelo cristianismo, momento no qual a história da sexualidade é problematizada por Foucault pela experiência da carne nos primeiros séculos do cristianismo. Este não é o responsável, portanto, pela promoção de um modelo matrimonial

¹ Dossiê em homenagem aos 40 anos de publicação do Curso *Subjetividade e Verdade*, de Michel Foucault.

austero e uma sexualidade sem prazer, mas por nova estruturação, com a técnica da confissão, da relação entre o sujeito, a verdade e a sexualidade.

Frente ao projeto da história da sexualidade, o curso de 1981 ocupa lugar de destaque. Isto porque, é em *Subjetividade e verdade* que Foucault publicamente apresenta suas pesquisas sobre a Antiguidade, posteriormente sistematizadas, organizadas e publicadas em 1984 em *O uso dos prazeres* e o *Cuidado de si*, respectivamente os volumes II e III da *História da Sexualidade*. Também neste curso Foucault menciona, em diferentes momentos, o tema da sexualidade na experiência cristã da carne, apontando direções para os seus estudos que serão desenvolvidos no quarto e último volume de *História da Sexualidade*, *As confissões da carne*, publicado em 2019.

Em 2019 encerrou-se, assim, a espera de 34 anos pela publicação do quarto volume de *História da Sexualidade*, publicado no Brasil em 2020, com a tradução das professoras Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarreno. À história da sexualidade, o curso *Subjetividade e verdade* é uma contribuição fundamental por sua perspectiva histórico-filosófica da valorização, e não da proibição, do comportamento sexual. Na primeira aula do curso de 1981, Foucault apresenta a questão "subjetividade e verdade" como um problema que esteve presente em todas as análises feitas até então. E, de maneira retrospectiva, alinha suas análises a propósito da loucura, da doença e do crime ao modo pela qual a "relação que temos com nós mesmos" (entenda-se aqui com a nossa individualidade e com os outros) é afetada e modificada por discursos de verdade com os quais estabelecemos uma relação que é sobretudo negativa, de rejeição e recusa. Quando se trata da sexualidade, contudo, a questão "subjetividade e verdade" não é analisada no campo da rejeição sistemática por um discurso de verdade que define o sujeito louco, criminoso e anormal, mas por uma história que organizou a experiência da sexualidade a partir da manifestação e do reconhecimento do próprio sujeito como um sujeito de desejo.

Assim, se há uma perspectiva renovada da questão "subjetividade e verdade" apresentada por Foucault no curso de 1981 a partir da experiência subjetiva da sexualidade, isso não significa que ela não ecoe temáticas já tratadas nos cursos da década anterior, como os discursos de verdade sobre a "razão alienada", o "corpo doente" ou o "caráter criminoso". O acento político das obras de Foucault dos anos de 1970, nas quais a reflexão sobre o momento presente estão diretamente vinculadas às resistências ao poder e às possibilidades de modificação de nossas subjetividades, ressoa em seus estudos sobre as "técnicas de si", mantendo no horizonte de questionamentos o tema da "governamentalidade". E é justamente a

partir da questão da "governamentalidade" que Foucault contextualiza a história da subjetividade a partir do "cuidado de si" e das "técnicas de si" no *Resumo do curso de Subjetividade e verdade*. A história da subjetividade feita a partir do "cuidado" e das "técnicas" de si retoma, nas palavras de Foucault, "sob outro aspecto a questão da 'governamentalidade': o governo de si por si em sua articulação com as relações com o outro (como se vê na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição de modelos de vida etc.)". A história da subjetividade está, portanto, diretamente vinculada ao estudo da "governamentalidade", de como os indivíduos se conduzem e são dirigidos pelos outros.

Retomar a importância do tema da atualidade no pensamento de Foucault permite não apenas tecer estas considerações de como no curso *Subjetividade e verdade* a "governamentalidade" não é uma questão deslocada, mas central dos estudos de Foucault do governo de si e o governo dos outros, mas também de recorrermos a Foucault para refletirmos o nosso presente, marcado pelo luto real de mais de meio milhão de vítimas da pandemia do novo coronavírus, e pelas sucessivas perdas simbólicas que rondam e atingem aqueles que constituem a sua subjetividade resistindo às relações de domínio essencialmente repressoras.

Este ano foi marcado, ainda, por um luto que afetou a comunidade filosófica brasileira. No dia 20 de maio de 2021, data em que muitos dos que colaboraram com este Dossiê enviavam seus textos, recebemos a notícia do falecimento de Roberto Machado. Roberto Machado formou gerações de pesquisadores em torno do pensamento de Foucault. Com as suas traduções, os seus cursos, os seus livros e a sua disposição dionísica para percorrer o Brasil de Norte a Sul participando dos eventos de filosofia, ele foi certamente um dos principais responsáveis pela brilhante produção intelectual brasileira sobre o pensamento de Foucault. Que a publicação deste Dossiê possa ser, assim, o registro de nossa resistência ao presente que ameaça as nossas vidas por meio de estratégias biopolíticas e de nosso agradecimento ao filósofo Roberto Machado. É em sua memória que apresentamos nossas "impressões" sobre Foucault, as quais não se restringiram ao curso *Subjetividade e verdade*.

Assim, em "Atualidade e Biopolítica", Guilherme Castelo Branco reflete sobre o presente da vida e da política, bem como o seu futuro, demonstrando como o tema da atualidade é, no pensamento de Foucault, imperioso para a análise social e política a partir do século XX. Vemos neste artigo como, para Foucault, a racionalidade política do presente histórico é marcada pela violência, cujas formulações máximas se expressam pelo genocídio e extermínio, mas que é também também contraposta pelo otimismo de Foucault, de inspiração kantiana, no que se refere ao futuro político.

Oswaldo Giacóia, em "Genealogia, Poder e Direito em Foucault e Nietzsche", analisa a noção de poder em Foucault a partir de um exame detido da oposição entre relações de poder, compreendidas como estratégias de liberdade, e estados de dominação, nas quais as possibilidades de ação, e por que não de resistência, têm seus espaços reduzidos a limites mínimos. Para tanto, Oswaldo Giacóia analisa os principais escritos de Foucault dos anos 70 e de filósofos como Max Weber, Hannah Arendt, Habermas e, particularmente, Nietzsche, nos conduzindo para a compreensão de como a genealogia do neoliberalismo que Foucault analisa nos permite um diagnóstico de nós mesmos e de nosso tempo.

No texto "Da arte de viver como "resposta" à vida em tempos de biopolítica", Marcos Nalli analisa a biopolítica e o estatuto "dual" da vida na biopolítica, ou seja, sua condição normativa e de objeto por meio dos quais se pode compreender a vida como um objeto técnico, e as *téknaí perì ton bíon*, que Foucault analisa na aula de 25 de março de 1981. Com suas análises, Marcos Nalli nos propõe uma interpretação das artes de viver como um modo alternativo de considerar a vida "diante das aporias da biopolítica".

Em "A invenção do 'casal': subjetividade, verdade e sexualidade", Ernani Chaves analisa a invenção do "casal" no curso *Subjetividade e verdade*, tendo como referência o estudo de Paul Veyne sobre a questão da família e do amor no Alto Império Romano, atualizando estas análises a partir dos textos de Foucault da virada dos anos 70 para os anos 80, em torno do movimento gay, nos quais ele, como afirma Ernani Chaves, "sinaliza para a necessidade e a importância de implodirmos o modelo do 'casal' como forma de resistência ao processo de subjetivação".

Danielle Lorenzini, em *O desejo como "transcendental histórico" da história da sexualidade*, analisa a projeto de Foucault de uma história da sexualidade, sobretudo a partir de *A vontade de saber*, *O uso dos prazeres* e *O Cuidado de si*, para contextualizar a importância que o curso *Subjetividade e verdade* tem para o movimento que Foucault apresenta em *O uso dos prazeres*, a saber, para entender como o sujeito moderno poderia fazer a experiência de si mesmo como sujeito de uma "sexualidade" era necessário identificar como, durante séculos, o homem ocidental foi levado a se reconhecer como "sujeito de desejo". Movimento que leva Foucault a analisar no curso *Subjetividade e verdade*, como nos mostra Lorenzini, uma problematização inédita da sexualidade, do desejo e do casal na arte de viver do Império Romano.

Em "Foucault e a travessia do real: a questão da verdade e das experiências transformadoras", Regiane Collares analisa, a partir da relação entre subjetividade e verdade, a formulação que Foucault apresenta no curso *Subjetividade e verdade* dos jogos do verdadeiro

e do falso e de seus efeitos no real, bem como a implicação entre as práticas de si e as experiências transformadoras. Regiane Collares problematiza, a partir destas análises, de que maneira os discursos de verdade se ligariam tanto à nossa constituição enquanto “sujeitos” como também poderiam se desdobrar como atos de resistência aos assujeitamentos.

Giovana Temple, em "O real e o discurso de verdade entre Nietzsche e Foucault", analisa a questão *subjetividade e verdade* a partir do método histórico-filosófico apresentado por Foucault no curso *Subjetividade e verdade*. Giovana Temple contextualiza este método a partir da genealogia nietzscheana para, então, analisar como, pelo menos desde seus estudos sobre a loucura, Foucault problematiza a relação entre subjetividade e verdade demonstrando a inadequação incontornável entre o discurso da verdade e a realidade.

Em "Sujeito Antropológico e Metafísica do Amor em Binswanger et l'Analyse Existentielle", Marcio Miotto analisa o texto de Foucault até então inédito, publicado em 2021, *Binswanger et l'Analyse Existentielle*, lançado recentemente. Marcio Miotto desenvolve uma análise cuidadosa desta publicação à luz, primeiramente, dos novos materiais de Michel Foucault publicados em 2013 e, posteriormente, dos textos de Foucault dos anos 1950. Em seu texto, analisa a questão antropológica em três eixos: as relações antropologia x psicopatologia, o lugar da fenomenologia na argumentação de Foucault e os limites das considerações de Binswanger e da *Daseinsanalyse*.

Daniel B. Portugal, no texto "Tramas do sujeito: considerações sobre três modos de conceber a relação entre subjetividade e verdade inspiradas pela leitura de Foucault", analisa o "modo filosófico", o "modo positivista" e o "modo histórico-filosófico" de conceber a relação entre subjetividade e verdade que Foucault examina na aula de 07 de janeiro de 1981 do curso *Subjetividade e verdade*.

Em "Michel Foucault e a produção do sujeito ético: subjetividade e verdade entre a ciência e a educação", José Luis Ferraro e Augusto Jobim do Amaral analisam, a partir do curso *Subjetividade e Verdade*, a produção de subjetividades éticas a partir do "cuidado de si". O tema da sexualidade é o mote dos autores neste artigo para analisar a subjetivação de um sujeito *da* verdade para um sujeito *de* verdade.

No texto "Design de identidade e a discursivação da diversidade", Danielle Lorenzini reflete sobre o design de identidades de marcas, pensando a relação entre criação de valor e a discursivação da diversidade, à luz da discussão foucaultiana sobre o conceito de verdade, em diálogo com autores da área do Design, partindo de uma análise empírica em torno do trabalho com a marca *Natura*.

Marcos Namba Beccari, no texto "Fausto e o sujeito liberal: notas genealógicas a partir de Foucault", reflete o mito de Fausto como narrativa capaz de conjugar as práticas do "cuidado de si" e da governamentalidade como práticas de uma mesma racionalidade, a saber, a do sujeito neoliberal. Em suas análises, Marcos Namba Beccari reflete como a racionalidade liberal estabelece, à maneira do pacto faustiano, uma relação de indissociabilidade entre liberdade e sujeição (ou "responsabilidade"), bem como entre a gestão populacional e a de si mesmo.

No texto "O cuidado de si socrático e a vida filosófica: perspectivas foucaultianas", Priscila Cupello analisa o tema do "cuidado de si" e da vida filosófica nos cursos *L'herméneutique du sujet* (1981-1982) e *Le Courage de la Vérité* (1984). Partindo destes cursos, Priscila Cupello nos mostra como, para Foucault, Sócrates é o primeiro pensador na história da filosofia a se preocupar com o "cuidado de si" de modo a alcançar uma vida exemplarmente filosófica, comprometida com o exame constante de suas opiniões, evitando, assim, a ação injusta.

Boa leitura.
Giovana C. Temple
Dezembro de 2021